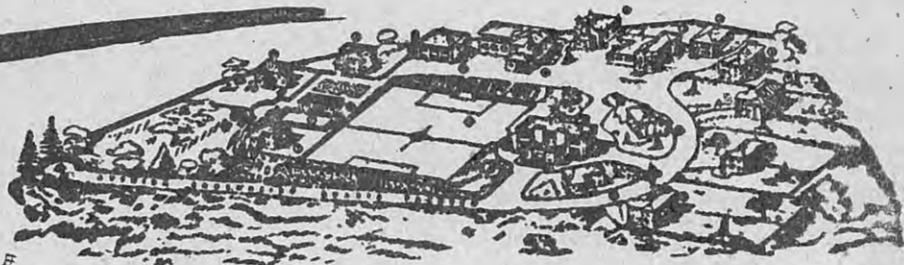


Visado pela
Comissão de Censura

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO X * N.º 244 * PREÇO 1500



Aqui, LISBOA!

Longe vão os tempos em que os dirigentes da Obra da Rua, rodeados de uma dúzia de pequeninos, podiam espaiar-se descansados à sombra das oliveiras, a contemplar a beleza da serra visinha. Havia apenas as preocupações duma pequena casa de família.

Hoje a árvore tem altos e largos ramos aos quais muitos que se querem abrigar de tempestades a que ela mesma está sujeita. O número dos rapazes cresceu desmedidamente; multiplicaram-se os seus problemas e as suas preocupações. Multiplicaram-se do mesmo modo os Pobres que para a Obra voltam os olhos, tornando tão alegre como pesada a cruz dos dirigentes. No mundo que a rodeia há quem só nela veja a Justiça e a Verdade e quem só dela espera a salvação do mundo perdido.

Se isto denuncia a desilusão causada pela falência de sistemas, de religiões e dos homens dirigentes, não menos denuncia o erro destes mesmos que querem encontrar nos homens a redenção que só pode vir de Deus: *a quem iremos Senhor, se só Tu tens palavras de vida eterna?* Queríamos que a Obra fosse sempre o espelho do Evangelho onde todos vissem um reflexo das verdades eternas. Isto não pode deixar de nos preocupar. Nós lidamos com o lixo.

Mas não é tudo. Há por aí muitas Obras nascidas e criadas à sombra da cruz. Receberam o baptismo de sangue, e, talvez por isso, toda a sua existência tem sido um duro calvário. Lembra-se agora de chamar por nós para lhe assistirmos na agonia. Isto aumenta a nossa pena.

Há muito que trazemos esta ferida no coração, e, se aqui vimos, é para desabafar.

As obras de assistência particular vivem todas, neste momento, um período de situação crítica, quer sob o ponto de vista moral, quer económico. Isto por vários motivos.

Em primeiro lugar não saímos ainda da febre de egoísmo que domina a maioria dos portugueses. Crêem que a esmola é dar o tostãozinho na rua. Para muitos, toda a Caridade se resume nisto. Até os melhores crentes se ficam por aí. É cómodo, é bonito e pronto!

E as obras e os Pobres que se aguentem...

A esta colectiva indiferença, acresce a das autoridades eclesiásticas. Tudo o que tínhamos de bom noutros tempos, foi parar

às mãos de oportunistas e da burocracia. Hoje não se vai muito mais longe. Olha-se já para os Seminários e para a A. C. mas, nisto mesmo, quantas deficiências. Temos apenas com vida independente e bem organizadas, as Conferências de S. Vicente de Paulo. As pequenas obras de assistência vivem desarticuladas, esquecidas e indefesas. Temos ouvido gemidos de angústia que bramam aos céus.

Tentam algumas segurar-se à letra da Concordata mas em vão. De nada vale também a letra das bases da Assistência e dos que de lá se dizem cristãos. A opressão da burocracia, eis o pior dos inimigos

Triste paradoxo este: ser uma obra cristã e não ter a seu lado a Igreja; ser de portugueses e faltar-lhe o Estado.

Esta situação não pode manter-se indefinidamente. Se as obras são da Igreja é justo que esta as tome como filhas e as não engeite.

Bom era pois que uma Entidade diocesana composta de elementos dotados de apostólica dedicação (ai, os primeiros Diáconos) dispondendo de tempo e liberdade de acção, munido dum fundo de assistência próprio, acudisse aqui, orientasse ali, chamasse ao bom caminho os errantes, defendesse os oprimidos e fizesse chegar a todos os pequeninos o pão que eles pedem, sem haver quem lho reparta.

São estes pequeninos que pedem aos Pastores da Grei, mais este sacrifício.

A igreja nada teria a perder com isso.

P. ADRIANO

ECOS D'ÁFRICA

O Banco de Angola, em Luanda, acaba de nos dar notícia de mais um depósito, produto de subscrições levadas a cabo nos concelhos de Novo Redondo e de Seles. Nós não tivemos tempo de visitar nenhuma terra, na extensa província de Angola. Luanda, apenas, e isto como quem foge. Mas a Obra vale mais do que a pessoa. Por amor dela se levantam os povos daqueles sítios, levando à frente os próprios Administradores. Desejariamos agradecer, sim, mas nem sequer os nomes sabemos! Também eles não dizem. O documento do Banco é impessoal.

Tudo muito certo. Tudo muito correcto. *In abscondito*, é a fórmula do verbo dar, segundo o Evangelho. As outras são nossas.

NOTA DA QUINZENA

Tenho aqui uma carta de certa mãe a chorar a morte de seu filho. Apetece à gente viver *na quele tempo* e pedir a Jesus de Nazaré que o vá ressuscitar! De todas as dores que ela se queixa, a maior é não ter agora a obrigação de preparar a roupa do seu filho *Era eu que lhe arranjava a roupinha!* Isto é o humano, porta a meias com o divino!

Quando aqui recebemos encomendas de roupas usadas de crianças que já não são, não é preciso que suas mães nos digam. Nós adivinhamos a saudade imensa de quem perdeu, com o seu amor, a obrigação de *lhe arranjar a roupinha*.

A mãe de quem hoje falo, inconsolável, a meio da carta exclama: *oh meu padre; eu queria preparar a roupa do meu filho!*

Eis aqui a vocação da Mulher proclamada por Uma, em ocasião de lágrimas, que são justamente a luz dos problemas da vida. Sem lágrimas, sem dor, — nada feito.

Naquele grito de Mãe não há teses. Não há conceitos. Não há escolhas. Ela não fala dos chamados direitos da mulher, como costumam fazer as azedas mãi-las as desesperadas. Não pretende conquistar posições. Nada deste mundo. Ela chora a perda do seu grande tesouro, o filho; e também chora a riqueza da sua ocupação — lavar e remendar a roupa dele. Aqui está. Eis a vocação natural da Mulher.

Digo natural. Assim como muitas manções no Céu, também na terra Deus tem muitos caminhos; nós somos d'Ele. Esses chamamentos não se discutem. Como também é indiscutível a paixão das mães. O seu amor extenuante. O maravilhoso dar-se.

A fraqueza, que tudo e todos levanta. A obediência que impeira. A humildade que seduz. A Mãe! Quando já é, ela é aquilo mesmo; e enquanto não, — aspira e suspira. *Eu queria arranjar a roupinha do meu filho.*

Agora

Eu próprio que o soltei, não acreditava no grito *vamos práς cem*, quando ele aqui se lançou. Não acreditava. Como chegar às cem casas em meus dias, já adiantados?! Pois chegamos sim senhor, e até ultrapassamos. Só no distrito do Porto, contam-se nesta hora 55 casas e 76 são as erguidas em outros! De sorte que o *Agora* é um advérbio antiquado.

Temos assim confirmada a doutrina do silêncio. Sorteios, leilões, cortejos, festas. Tudo quanto faça barulho. Tudo quanto excite paixões. O deslumbrante. O fugaz. Nada disto convem. Nada condiz com a seriedade da Obra.

Nunca se viu ninguém a chorar à passagem do Profano enquanto que esta procissão, por divina, arranca lágrimas dos corações:

«Parece-nos a todos hoje mais tocante a aguda situação do Pobre Lázaro. E até sentimos melhor a existência de Deus». Trata-se de alguém que quer dar do seu supérfluo para que eles (os pobres) tenham o necessário». Só o Silêncio opera milagres. O Silêncio é a expressão de Deus. Ora sendo isto verdade e tendo nós à nossa frente a sua confirmação, porque lançar mão do Alegórico?! Realidade sim.

Chegados que somos aqui, vamos todos sair para a rua e notar logo à frente um Visitante que leva doze contos na mão. A seguir vai em forma o Liceu da Rainha Santa Isabel com mil escudos, declarando ser isto sinal de uma réplica ao Liceu Carolina Michaelis. Cá esperamos. As raparigas de um *Atelier* do Porto, pobres como são, não tiveram coragem de ficar em casa e é's que saem todas para a rua; aqui vão elas com 820\$. Os senhores arrumem-se. Não são *ramhas*. São raparigas honestas e modestas, que vivem do seu tra-

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

que sim. Deus é o Criador das realidades que não aparecem.

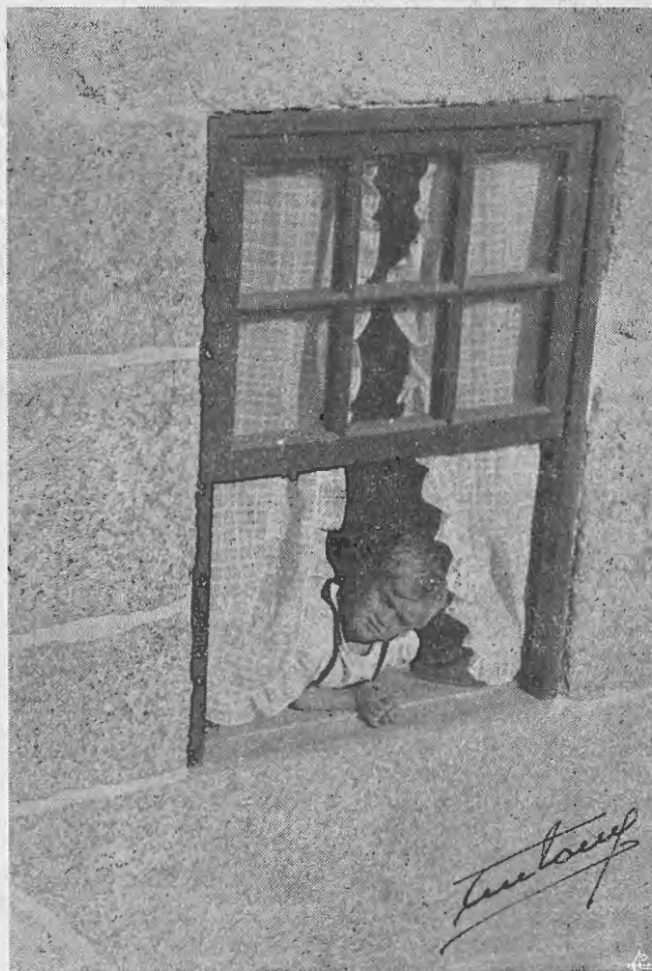
O *Gaiato* anda por lá. Quem o tem de casa leia, medite e mostre aos seus amigos. Que todos se alegrem no Senhor. Amen.

PATRIMÓNIO DOS POBRES

De todas as iniciativas da *Obra da Rua*, esta de casas para pobres, leva a camisola amarela. Parece que estava tudo à espera! De toda a parte! Todas as classes! Todos os credos!

Quando foi da nossa festa em Braga, tive ocasião de ver as casas já começadas. Eram nove. Hoje, devem ser mais. O sítio não podia ter sido melhor escolhido. Quem passar pela estrada de Guimarães, chegado à freguesia de Nogueira, olha e vê. É na encosta aos pés da Senhora do Sameiro.

Podemos dar o nome de sagrada à montanha. Eu tenho que os altares mais formosos ao culto de Deus vivo, são aqueles que se levantam no coração dos Pobres, —amando-os. E também são estes que o nosso Deus Vivo prefere. *Eu quero misericórdia.* Seja como for, lá estão 9 casas a subir. Barcelos também quer. Esposende já fumega. Ponte da Barca, oiço dizer que sim. Geraz do Lima vai começar. Obra incendiária! Todos os dias recebemos cartas de párocos fervorosos a perguntar como e por onde devem começar. Eu respondo a todos na mesma: *Amar Cristo na pessoa do Pobre.* Não há outro caminho. O Senhor Arcebispo de Évora, manda pedir exemplares da Obra e quer saber. Também Ele ama Cristo na pessoa dos Pobres, e quer fazer casas para eles. Quem não ama, permanece na morte!



Será isto na Holanda, terra de crianças loiras, cheirando a sabão e a leite? Na Inglaterra, Suíça, Dinamarca, onde a Criança impera? Será isto um sonho? Um conto? Não senhor. Isto é Portugal da era do Património dos Pobres pra cá. Dantes não era assim.

Se o Pobre parece não amar o belo, é só porque não tem casa. Dê-se-lhe e ele, mais inteligente do que nós, cultiva e vê nas flores a Beleza Incrível!



Com pequeninos muros de suporte, preparamos terras de cultura, antes incultas.

Do que nós necessitamos

Mais 50\$ de Ilhavo. Mais 100\$ de Maria Alice. Mais 20\$ de Vila de Rei. Mais 500\$ de Algures. Mais 20\$ de uma promessa. Mais 100\$ de Gavião. Mais uma encomenda de lenços e cintos. Mais de Vergada 20\$ de um aluno. Mais 50\$ de Lisboa. Mais outro tanto. Mais 200\$ de uma pecadora Oliveirense. Mais 50\$ de Algures. Mais 100 angolares de Gândula. Mais 100\$ para a viúva da Nota da Quinzena. Mais 50\$ de Lourenço Marques. Mais um vale de 205\$ de uma subscrição entre colegas da Polícia Internacional. Mais 100 angolares de Nova Gaia. Mais 100\$ de Lisboa. Mais 50\$ de Vila Fernando.

Mais 500\$ do Porto. Mais 20\$ idem. Mais 500\$ de Tavira. Mais 50\$ Mais 500\$ de Gondomar. Mais 50\$ de Algures. Mais 500\$ do Porto. Mais 100\$ de Aveiro. Outro tanto de Castelo Branco Outro tanto da Huila, África Ocidental. O *Gaiato* tem derrubado muros, abolido fronteiras, aproximado as gentes.

Mais do que veículo de donativos, ele, o pequenino jornal, apresenta-se como veículo de almas para Deus!

Mais 300\$ de Lisboa, numa festa de pessoal e dirigentes da C. P.. Para uma família de doze, que por sinal é do concelho de Tomar, temos recebido várias quantias de dinheiro, que lhe fazemos chegar às mãos. Alguém,

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

A abrir temos 100\$00, de quem desejava ter dinheiro para valer a todos os pedidos. De Coimbra 100\$00 para o leite dos meus amigos Pobres. Solicitava uma resposta num postal com um SIM. Aqui é melhor. Todos nós precisamos de ouvir falar dos Pobres com tanto carinho — para o leite dos meus amigos Pobres. E mais uma carta de Lisboa, letra conhecidíssima e abre com Dia de Santo António. É a data. Dentro 20\$00. Mais uma carta, agora de Chaves. Pede que não deixemos de praticar a caridade. Deus recompensará. Por fim pede desculpa de ser tão pouco os 20\$00, mas é de boa vontade. Um grande pecador, segue com 20\$00 e também diz ser pouco mas de boa vontade. De Lisboa 80\$00. Mais 10\$00 de Esmeriz. E 40\$00 de Torres Novas. De Lisboa por uma intenção especial 150\$00. E por fim 200\$00.

Julio Mendes

da cidade de Tomar, toma conta e dá conta. Já passa de dois mil escudos. E mais nada.

Cada freguesia cuide dos seus Pobres

Ao passarmos por Albergaria-a Velha, estrada Porto Lisboa, lê-se à entrada da vila — *É proibida a mendicidade.* A seguir, enuncia-se o decreto que a profibe e por último a declaração *Albergaria cuida dos seus Pobres.* Gosto de ler e saborear, pois tenho que os seus habitantes são incapazes de pôr ramo sem ter vinho...

Na ilha de Moçambique, que também é Portugal, os Vicentinos retiraram os Pobres das ruas à maneira dos cristãos. Aquela cidade, quase museu, é hoje muito frequentada por turistas. Os pedintes assaltavam. Não era decente. Que fazer? O que os Vicentinos fizeram. Eu vi. Assistência total, cada um segundo a sua condição. *A ilha de Moçambique, cuida dos seus Pobres.* Turismo e Pedintes são aspectos antagónicos. A presença destes, afugenta aqueles. Aqui há tempos, encontrei-me com dois rapazes, de pais portugueses, nascidos e educados fora de Portugal. Haviam percorrido de norte a sul a pequenina pátria de seus pais e mostraram-me com alegria o bilhete de regresso... Eram os mendigos. A presença e a impertinência.

Eu sei que na Presidência do Conselho se vive este problema angustioso. Sei que se pergunta concretamente se este e aquele automóvel foram assediados por mendigos, em determinado sítio e hora. Sei sim senhor. Os homens que estão à testa, podem-se afligir, sim, mas nem sempre realizam o que querem, a não ser desembainhando a espada. Porquê? Por causa dos outros homens. Ora eu não sei quais as informações dadas na Presidência, mas que eles, os mendigos, assaltam, é verdade. Mais. Se não fossem as medidas de repressão, nas Praias e Termas e sítios quejandos, era a Invasão!

Duma vez apareci num lugar de nomeada, onde muita gente vai. Era no *Morris*. Há um imenso recinto. Há mais automóveis. Mal o nosso pára e antes que a gente saia, acode a multidão de pedintes; idades, sexos, aleijões, chagas, farrapos, cantilenas — um mundo. Eu não fiz caso. Dirijo-me ao Santuário. À saída são aqueles e muitos mais. Passo pelo meio sem nada dizer nem dar.

Um padre! Oh escândalo! Por isso me tomaram. Um dos mendigos mais sujo e mais robusto, sobe acima de uma pedra e desancou-me. Eu ouvi todo o sermão. Quis-me encher de razão para agora me queixar. Deles? Do pregador? Não. Não senhor. Queixar-me dos que sabem, podem e não fazem caso.

Aqueles dois moços, não se queriam certamente ausentar tão cedo da linda pátria dos seus pais, se em lugar do pedinte, houvesse um membro da comissão que lhes falasse da formosa organização de Auxílio aos Pobres. Eles davam com gosto. Seria mais uma beleza a juntar a tantas que eles já tinham visto, e iam-se embora bem impressionados.

Aquele recinto e aquela multidão com pregadores e tudo; nada daquilo seria se os que podem e devem quizessem organizar-se.

Não houvesse ele mais nada, e já estás razões, superficiais e convencionais como são, eram sufi-

UMA CARTA

São os grandes que fazem os pequenos. Aqui temos esta criada de servir a dar testemunho daquela afirmação. Ela serve a sua senhora há 39 anos e ama cada vez mais. Porquê? Porque é amada. É o amor da senhora que prende a criada.

Pedia a caridade ao Senhor
Padre Américo numa Ave Ma-
ria por minha Sultora
que esta Imagem esculpida é
uma santa Sultora que am-
tantos filhos já a viu a 39
anos. Também é a simulação do
gaiato P. Alice Lavdoso.
Pelo pedido por a minha Deus
do seu Ihe De muitos anos devida
para a minha tão sublime
obra.

Uma Creada
Maria

TRIBUNA DE COIMBRA

Na altura em que esta escrevemos, estamos a organizar as Colónias de Férias. É uma bicha contínua de esfarrapados que nos vêm dar o nome. Eles querem e necessitam e nós não podemos ficar surdos à sua voz; são corpos raquíticos a pedir pão e almas sequiosas a pedir luz; não podemos fechar os olhos. Temos necessidade de fazer Colónias.

Se não temos subsídios e promessas dos homens temos confiança na Providência e acreditamos no toque de Deus nos corações humanos. E isto nos basta; já o ano passado foi assim e tudo chegou. Há-de aparecer o Senhor do bacalhau das Colónias e outros Senhores e Senhoras e o Senhor Dr. Carlos da Pereira e a Mãe Glória de Tábuas e outros e outras mais.

Vai partir o primeiro turno de 30 rapazes da Estação Nova na tarde de 3 de Julho. Os mesmos gritos, o mesmo entusiasmo, o mesmo barulho, o mesmo espanto dos ouvintes e circunstâncias, as últimas recomendações dos que têm alguém de família, o atraso da automotora, o parar dos eléctricos, tudo como nos anos anteriores. E depois na viagem há-de ser o ralho do revisor e eles por cima dos bancos e debruçados às janelas e os braços de fora a apanhar canãs e bolsas dependuradas; tudo como de costume. Depois vêm as cantigas ao desafio, o solo dos fadistas, a discussão dos visinhos, o silêncio dos que escutam. É uma tarde grande e cheia até à Senhora da Piedade.

Seguem-se quinze dias de fes-

ta; café com leite e pão, sopa e conduto, muita fruta dos amigos, muitas aves e ninhos nas árvores e penedos, o cantar silencioso da água pelos rochedos, o subir variado até à serra, a sesta silenciosa do meio dia, a ginástica a desenvolver os músculos, a bola no campo entre as casas, a Doutrina e as cantigas da tarde, o terço na alpendurada do Santuário, o praguejar da tia Fofa e do burro, as serenatas noturnas nos fragueiros da cascata, as partidas nas camaratas. É todo este ambiente de encanto e de poesia em louvor perene ao Criador, que convida a passar ali aqueles dias que não podem deixar de ser frutuosa para o corpo e para a alma. A seguir ao primeiro turno de rapazes contamos fazer um outro para eles e terceiro para raparigas.

É muito oportuno nesta altura chamarmos a atenção de todos os organizadores de Colónias. Que elas sejam escolas de formação e educação para uma futura Sociedade melhor. Que cada um pondere a sério os princípios, os meios, e os fins de que se vai servir. Já o dissemos e continuamos a afirmá-lo, hoje em Portugal há Colónias a mais. A criança é um Santuário, e como tal deve ser tratado. O espírito dos organizadores deve de ser de caridade e não de mera filantropia. Os dirigentes devem ser pessoas sãs física e moralmente, de consciência bem formada, para bem educar. O ambiente das Colónias deve ser familiar; a criança deve sentir-se como em casa sua. Tudo deve ser modesto para que



Crónicas de África

Chegado o tempo, estávamos na pista. Todos quantos eram à nossa chegada, ali estavam na hora do adeus!

«Quem parte leva saudades, quem fica saudades tem.» António Teles obteve licença e acompanhou-nos a Quelimane Num desvio de dez minutos, fomos à Chupanga. Não tendo aceitado convites de ninguém, fiz-me convidado e fui àquela Missão, abraçar o Padre Albano. Ele não contava. O que era antigamente à beira-rio, é hoje num outeiro. Construções novas. Tudo melhorado. Um dispensário. Escolas. Maternidade. Oficinas. A igreja. Residência dos missionários e irmãos auxiliares. Padre Albano é homem devotado, que um dia deliberou ir para as Missões servir e morrer. Está ali há 30 anos. A primeira parte tem cumprido. A segunda virá a seu tempo. É um missionário estudioso e apagado. Ele nunca disse a ninguém, mas nós devemos-lhe uma gramática da língua Chisena, catecismo e outras publicações. São os obreiros das almas, semeadores do Evangelho. A nossa estadia foi breve. Lembro-me que ele e outro, vieram até ao campo e do abraço que ali nos demos ficaram para sempre as marcas.

Atravessamos o Zambeze. Ao pé do piloto era eu e nos lugares atrás Júlio e Teles. Sempre nós. No Porto, em Paço de Sousa, em Coimbra, Lisboa, oh lugares! oh tempos! oh recordações!

Mopeia começa a ver-se. O piloto raza um nadita. Muitas casas, algumas de grande porte. Ali nasceram os primeiros campos da cana de açúcar. Com eles, a coragem e decisão dos primeiros homens que não sabiam olhar para trás.

Vamos agora por sobre palmeiras, pequenas aldeias indígenas, pomares. Mais uns minutos e vemos grandes extensões de água. Mais pomares. Em lugar de palhotas, são casas de ferro zincado. O piloto avisa que estamos a chegar. O campo aparece. Descemos. Tínhamos gasto meia hora.

A vila de Quelimane está no mesmo sítio e quase no mesmo ser que tinha há quarenta anos.

Fomos recebidos por um grupo de Rapazes, que nos ofereceram o produto de uma festa por eles levada à frente. O Senhor Amado, da Sena Sugar, deu-nos lugar à sua mesa, (e que mesa!). Outros amigos, por outros títu-

o Colono quando voltar ao lugar onde há-de passar o outro tempo do ano não estranhe. Não esqueçamos que a criança tem corpo, mas também tem espírito; e um e outro precisam de ser robustecidos. Nunca se tenha a criança na ociosidade.

Assim as Colónias dariam fruto; de contrário são um esbanjamento de tesouros.

PADRE HORÁCIO

los, levaram-nos a escrever o nome na página da gratidão. Demos uma volta. Quis mostrar ao Júlio um palmar, tendo feito alguns quilómetros na estrada do Maquival, com esse fim. Não admira que leões entrem às vezes na vila e devorem cabeças de gado, pois se tudo são palmares!

Quizera ter ido a Tete, e tudo me dizia que sim; avião por nossa conta, uma chamada especial da população, a natural curiosidade, tudo. Mas o tempo era pouco. *Nemmem salutaveritis*. Não podemos perder tempo nem sequer em saudações; temos de andar a passos de gigante. Amarramos os cordões e eis-nos a caminho do Luabo.

De como nós fomos ao COLISEU

Mas primeiramente digamos de como foi em Braga, porque também ali estivemos uns dias antes. O Manuel Henrique, cronista da festa, diz quase tudo no seu relato, como se pode ler neste número. Diz como viu e como sente. A verdade é assim. Da minha parte também quero dizer que o público, por amigo da Obra, aceitou e desculpou as nossas faltas. Acudiu em grande número. Deu 10 contos na bilheteira. Deu à rodã de 3 na capa. Deu 13 deles por mão e não mostrou fastio.

O senhor Costa cedeu a sala do teatro. O pessoal maior e menor deram o seu tempo. O Liceu Internato, deu-nos de comer. Não se pode esperar mais nem fazer melhor. E até à próxima se Deus quizer.

Agora vamos ao Coliseu. Grande casa. Grandepúblico. Fomos bem recebidos e desculpad; eram muitos os *artistas* e nem todos estavam à altura. O Ex.^{mo} Senhor J. Carvalho não levou nada. O pessoal ajudou. A bilheteira deu 30 contos. A capa anda à roda dos 20. O resto pode ser lido com muito agrado na crónica do Júlio Gomes, a quem se deu a incumbência de a fazer. E até à primeira se Deus quizer.

AGORA

CONTINUAÇÃO DA PRIMEIRA PAGINA

balho. As tais *rainhas*, são outra desgraça dos nossos tempos.

A Maria Vitória leva 20\$. A Maria Adelina, do Ultramar, leva uma bandeja de prata com o seu primeiro aumento de ordenado, — 500\$. Um senhor do Porto, faz de outro tanto a sua primeira prestação. Ao lado deste, um Anónimo de Braga vai com doze contos, e pede orações. Também segue alguém com 30\$ e outro com 100\$ e a Alice com outro tanto. Mãe e filha vão aqui com 150\$00. Os da *Chenop* não desanimam. Devagar, porque poucos, eles vão carregados; agora 210\$. E assim hão-de chegar ao fim.